

BOLETIM

*Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae São Paulo Setor de Publicações - Ano II nº 5
maio/junho de 1991 - Distribuição Gratuita*

EDITORIAL

Quisera, com metáforas, poder tangenciar o poético e penetrar com a palavra-imagem para efetuar esta comunicação.

O manicômio, em sua desordem engendra a organização de um sistema perverso que mal/trata, iatrogeniza, e coisifica.

CENA 1980-1985

Manicômio Judiciário de São Paulo:

O preso-louco, em cela forte, para água beber, implora ao atendente-vigia, que do lado de fora, no corredor, dê descarga na latrina, para que ele, do lado de dentro, com um pedaço de frasco de soro fisiológico, copo improvisado, apanhe a água, antes que esta caia no fundo.

Hoje; mudanças bem poucas,
na forma e conteúdo
"pra príncipe inglês ver".

Como fica o trabalhador de saúde mental, o psicanalista aqui fora, escutando-vendo-sabendo de tais práticas instituídas deste mal/tratar?

Urge a discussão-ação em busca de meios outros para repensar a clínica do tratar:

a instituição
a loucura
a periculosidade

Carlos Fajury Videira

Conselho Editorial: Anísio M. Corrêa, Carlos Antonio Pagury Videira, Ewa Wongtschowski, Maria de Lourdes Caleiro Costa, Sonia Maria Rio Neves, Vera Rita de Mello Perreira.

Produção Gráfica: AD Tecnologia Gráfica Laser Tel: 887-4518 Impressão: Copiadora Tekgraf S/R Lado Tel: 872-5724 Desenhos: André Gaiardo Tiragem: 400 exemplares Redação, Administração e Correspondência: R. Ministro de Godoy, 1484 Tel: (011) 262-8024 Cep: 05015.

DOS SETORES

Comissão Coordenadora Geral

O Departamento de Psicanálise recebeu um convite para participar de um colóquio - o convite e a carta-resposta seguem abaixo:

Ao Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Conforme contato pessoal anterior, propomos realizar neste 1º semestre de 1991, em São Paulo, um Colóquio com o nome: "Psicanálise: Identidade e Diferenças".

É nosso desejo que aqueles de reconhecida trajetória na psicanálise e que se preocupam com sua transmissão, em especial em nossa cidade, possam se reunir desde o primeiro momento e fazer deste Colóquio um projeto comum.

O título proposto sintetiza a idéia que imaginamos para esta reunião: "- Psicanálise: Identidade e Diferenças-", pois se bem sabemos reconhecer as diferenças entre nós, também devemos ser capazes de falar sobre o que nos é comum, as formas pelas quais nos reivindicamos psicanalistas.

Convidamos para uma primeira reunião a ser realizada em 19/02/91, às 21 horas no Instituto de Estudos Avançados da USP (Cidade Universitária, Prédio da antiga Reitoria).

O que temos até o momento é a idéia, uma data provável - 18 a 20 de abril -, e algumas possibilidades de presença de colegas estrangeiros que só serão confirmados se houver acordo comum.

Sua presença é muito importante e esperamos poder contar com ela nessa primeira reunião.

Atenciosamente,

Jorge Forbes

Roberto Azevedo

Carta enviada para:

- Biblioteca Freudiana Brasileira
- CEPPI (Centro de Estudos em Psicopatologia, Psicoterapia e Psicanálise).
- Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.
- CPCAMP (Centro de Psicanálise de Campinas).
- Associação Livre Sigmundo Freud.
- Sociedade Brasileira de Psicanálise.

São Paulo, março de 1991.

Ilmos Srs.
Dr. Roberto Azevedo
Dr. Jorge Forbes

Recebemos o convite mandado por vocês para participar da organização de um colóquio com o nome "Psicanálise: Identidade e Diferenças".

O Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae sempre teve a preocupação de elaborar e processar as questões relativas à formação, transmissão, autorização e reconhecimento. Nossa prática institucional tem sido voltada para a organização e participação em eventos, mesas redondas, jornadas e seminários trocando idéias com colegas de diferentes linhas teóricas, de instituições diversas e também com analistas de formação independente.

Mesmo sendo essa a nossa prática não nos vemos inclinados a participar desse projeto visto que pressupõe reconhecimento e conseqüentemente inclusões e exclusões.

A idéia de "reconhecida trajetória" tal como mencionada no convite nos faz pensar que já existe um conceito prévio de autorização e reconhecimento na escolha dos convidados, idéia essa contrária a nossos princípios.

Sem mais, atenciosamente,

COMISSÃO COORDENADORA GERAL

Carta-resposta enviada para:

- Biblioteca Freudiana Brasileira
- CEPPI (Centro de Estudos em Psicopatologia, Psicoterapia e Psicanálise).
- CPCAMP (Centro de Psicanálise de Campinas).
- Associação Livre Sigmundo Freud
- Sociedade Brasileira de Psicanálise

Comissão Coordenadora Geral

Penso que a possibilidade do Departamento de Psicanálise seguir sua organização e desenvolvimento numa direção democrática, está intimamente ligada à forma de gestão, às modalidades de processamento de questões e à efetiva implementação das decisões tomadas.

Sairmos de uma organização casca e familiar e caminharmos em direção a uma estruturação profissional e democrática tem a ver com nos darmos conta de que o trabalho desenvolvido pelos setores tem um alcance mais amplo que demanda articulações e tomadas de posição em relação ao Departamento, ao Sedes e ao Campo Psicanalítico.

Ao longo destes dois últimos anos, desenvolvi um trabalho, à partir de minha inserção na C.C.G., de criação e organização da Infra-Estrutura do Departamento com o objetivo de que pudéssemos dar conta da tesouraria, da orientação e acompanhamento do trabalho da secretária, da implementação de decisões tomadas à nível de C.C.G., da execução de tarefas e atividades desenvolvidas pelos Setores, etc.

Deixar de exercer esta função neste momento, é uma decisão pessoal minha, que tem a ver com descolar esta função, necessária para o andamento do Departamento, do estilo pessoal de um determinado membro da Comissão. Penso que esta nova Comissão poderia avançar em relação à antiga elegendo dois coordenadores para esta função. Estes coordenadores se responsabilizariam pela condução das reuniões, pelo agendamento de pautas junto a representantes e autônomos, seriam instituídos como centralizadores e catalisadores desta Comissão, com o objetivo de que esta Comissão se transforme numa equipe de trabalho que possa dar conta das questões complexas que vem sendo geradas ao longo da constituição deste Departamento.

Gostaria de finalizar dando as boas vindas e desejando sorte à nova comissão, na tarefa de coordenar este nosso Departamento.

Maria Antonieta Whately.

Clínica



A partir de uma reunião convocada pela Clínica Psicológica do Sedes onde estavam presentes representantes da Diretoria, supervisores de cursos e representantes da Clínica de Psicanálise, constatamos, mais uma vez, que a Clínica de Psicanálise, não tem lugar no organograma apresentado pela Clínica Psicológica do Sedes. Fato que tem implicações diretas no nosso trabalho clínico.

Nossa atuação, desde o início, tem se encaminhado no sentido de buscar respaldo institucional do Departamento e da Direção do Sedes. Este, porém, constitui-se um momento decisivo onde a questão que se coloca é: existe interesse por parte desta Instituição em se manter a Clínica de Psicanálise (clínica de prestação de serviços) funcionando?

Em função dessa problemática solicitamos uma reunião junto à Diretoria onde esse interesse foi afirmado. Explicitado esse interesse, foi criada uma comissão de trabalho para discutir e definir as condições que viabilizem a nossa inserção na Instituição.

Aproveitamos esse momento de mudança da Comissão Coordenadora Geral para lembrar que esse processo é fruto de dois anos de trabalho em duas frentes:

- a nível da representação do Setor junto ao Departamento (Mária Antonieta Whately e Maria Sílvia Borguesc).
- a nível da representação do Setor junto à Clínica Psicológica do Sedes (Joelle Gordon e Rosemary Negrão).

Queremos comunicar aos colegas a entrada dos novos representantes do nosso setor junto ao Departamento:

- Maria Tereza P. Castello

- Maria Kon Bilenky

Nós da Clínica de Psicanálise desejamos que a nova Comissão Coordenadora Geral possa dar continuidade ao trabalho que vem sendo realizado, conseguindo consolidar as mudanças que se fazem necessárias.

Joelle Gordon

Maria Tereza Castello

Eventos



Aos Representantes de Setores:

Comunicamos que o "Espaço Aberto" encontra-se à disposição dos diversos Setores que compõem o Departamento de Psicanálise.

Pensamos nesta possibilidade, devido à demanda dos mesmos, de um espaço de troca facilitador na constituição do Departamento como um todo.

Pedimos que entrem em contato conosco, através da Secretaria do Departamento, o mais breve possível afim de efetivarmos a programação.

Adriana de Bona

Publicações



Como forma de ressarcir e convidar os assinantes e membros do Departamento para nova assinatura, o Setor de Publicações informa que a revista *Percurso* a ser lançada brevemente será um número duplo.

Será enviado, no mês de junho, um exemplar reunindo o nº 5 que deveria ter sido lançado no segundo semestre do ano passado, e o nº 6 correspondente ao primeiro semestre de 1991.

Percurso nº 7 será lançada no segundo semestre deste ano e segue para os assinantes de 1990, um cupom para assinaturas específica deste número.

Os valores vigoram para o mês de maio e serão reajustados mensalmente a partir de 1º/junho/1991.

Remeter o cadastro de assinatura/91 (impresso na última página do Boletim), juntamente com o cheque nominal à *Percurso* - Revista de Psicanálise.

Saúde Mental e Instituições

Dando continuidade a nossos trabalhos no setor, encontramos-nos com a notícia de que a lei de Paulo Delgado, PT-MG, sobre a extinção gradual dos manicômios havia sido aprovada na Câmara dos Deputados e iria passar dentro em breve pelo Senado para apreciação. Queríamos saber mais sobre a lei, precisávamos pensar sobre suas implicações no tratamento e na vida dos pacientes psicóticos aqui no Brasil. Fazendo parte do Departamento de Psicanálise do Sedes, que historicamente tem se preocupado com a questão da Saúde Pública, pensávamos em como expandir essa discussão.

Foi de um feliz encontro dessas mesmas inquietações no Setor de Eventos, Clínica Psicológica do Sedes a Comitê da Luta Anti-manicomial, que pudemos organizar o debate sobre a "Extinção Gradual dos Manicômios e sua Substituição".

No Setor resolvemos levar à frente a discussão teórica sobre questões que a prática de supervisão em hospitais-dia de crianças e adolescentes na Prefeitura tem nos suscitado: como pensar a psicose infantil? Psicose infantil ou tratamento de crianças graves? O esquema de hospital-dia garante um modelo assistencial diferente do manicômio? Como concebê-lo para que possa efetuar essa diferença no cotidiano de atendimento aos pacientes?

São questões espinhosas mas nos propomos a ousadia de querer pensá-las coletivamente. As reuniões são abertas, e realizam-se todas as quartas 3^{as} feiras de cada mês, às 20:30 hs., no Sedes.

Até lá.

Eliana Berger

REPORTAGEM

Assembléia Geral (27/04/91)

Foi feita inicialmente a leitura do Balanço da Gestão 89/90 (Boletim nº 4, ano II), sendo explicados alguns pontos; o Departamento criou, no seu início uma estrutura, porém, não se tinha ainda a prática de funcionamento; esta mostrou que os setores, em alguns momentos, necessitavam procurar a Comissão Coord. Geral para discutir seus problemas internos, bem como sua vinculação ao Departamento. Com isso a C.C.G. pôde ter uma imagem mais de apoio do que de instância controladora. Como exemplo, foi citado o Setor de Saúde Mental e Instituições; a partir de reuniões com a C.C.G., este setor repensou a questão do Convênio com a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, fez uma seleção e abriu o Setor para uma nova organização e participações.

Outro ponto comentado foi a ativa participação dos suplentes nesta gestão e na possibilidade de se aumentar o número de autônomos, extinguindo-se os suplentes; esta questão deverá ser discutida pela nova comissão.

Ressaltou-se a função do membro autônomo como alguém que, mesmo estando (ou tendo estado) engajado em algum setor, pode ouvir de forma diferente o que é trazido pelos representantes. Também é preciso marcar o lugar de representante que, enquanto tal, possui uma visão de conjunto que facilita as discussões internas no Setor. Neste sentido, foi significativo o encontro da C.C.G. com todos os membros dos setores em Novembro/90. Evita-se, desta forma, que o representante fique como o único delegado do Setor na C.C.G.. Lembrou-se então que na agenda do Setor Eventos há espaços programados para que reuniões como esta possam ocorrer.

A Comissão Coordenadora Geral tem também uma função política que define alguns caminhos e toma posições, como ocorreu em relação ao convite formulado pelo Dr. Roberto Azevedo e pelo Dr. Jorge Forbes (veja na seção: Dos Setores, a carta-convite e a carta-resposta). A avaliação feita sobre este convite e a consequente decisão de não participar do evento foi em função da questão da autorização e reconhecimento

de algumas instituições psicanalíticas, por estes profissionais, e da exclusão de outras. Esta situação ilustrou como a definição da política científica do Departamento deve ser constantemente discutida e explicitada, a partir também de uma visão mais panorâmica do campo psicanalítico e das mudanças que vão ocorrendo.

O que foi sendo comentado na Assembléia sobre o funcionamento do Departamento e da C.C.G. nesta gestão deu uma idéia de que muita coisa foi realizada, porém a questão de circulação de informações ainda é falha. Foi lembrado então que, embora o Boletim venha se encarregando desta divulgação, é necessário também que os setores com seus representantes discutam assuntos ligados à política e estrutura do Departamento.

Um outro ponto bastante importante e que começou a ser formalizado por esta C.C.G. refere-se à inserção deste Departamento na Instituição Sedes Sapientiae, inserção esta cada vez mais necessária por várias questões, inclusive as de ordem prática.

A seguir a nova Comissão Coordenadora Geral eleita em 27/abril/91, para o biênio 1991-1992:

Membros autônomos: Lucia Fucks, Mania S. Deweik, Fátima Vicenti.

Membros suplentes: Sonia M. Rio Neves, Marcia Arantes e Cleuza Pavam.

Os novos representantes de Setor são:

Clínica: Marina Kon Bilenky e Maria Teresa Castello.

Publicações: Maria de Lourdes Calceiro Costa

Curso: Cecília Hirschzon

Grupo de Estudos: Cleide Monteiro

Eventos: Adriana de Bona

A próxima reunião da C.C.G. foi marcada para o dia 06/05/91; as demais continuarão sendo às 22^{as} feiras, quinzenalmente, às 20:30 hs. no Sedes. A participação é aberta a todos os interessados.

Sonia M. Rio Neves

REPORTAGEM

Extinção Progressiva dos Manicômios

Em 17/05 p.p., o Instituto "Sedes Sapientiae" promoveu uma Mesa Redonda sobre a Lei 3657 do deputado Paulo Delgado que dispõe sobre a "EXTINÇÃO PROGRESSIVA DOS MANICÔMIOS E DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS ALTERNATIVAS DE ATENÇÃO NO CAMPO DA SAÚDE MENTAL". Tal evento soma-se a uma programação mais ampla - A Semana de Luta Anti-Manicomial - proposta pela ARTICULAÇÃO NACIONAL DA LUTA ANTI-MANICOMIAL. Participaram da mesa: o autor da lei - Dep. Paulo Delgado, o psiquiatra Pedro Gabriel, o jurista Celso Fiorillo, Madre Cristina e Mário Fuks como coordenador. A composição da mesa foi pensada tendo em vista as implicações que a promulgação e aplicação desta lei venham a trazer para o campo das práticas de saúde mental em nosso país. Assim podemos considerar vários aspectos: técnicos (entendidos por tais desde a formulação da política de atendimento até senso-estricto a questão urgente da formação e reciclagem dos agentes implicados nessa política), jurídicos (na medida em que na lei joga-se inequivocamente com a dimensão da cidadania), Institucionais (no sentido do compromisso ativo das instituições da sociedade na luta contra a segmentarização e o isolamento da loucura).

Parece-nos que a idéia que atravessa esta reflexão, e, portanto a norteia é a ética que demarca dois campos no tratamento da doença mental:

- um, que favorece a fortificação dos muros que segregam o doente mental, despojando-o da sua condição de cidadão, privando-o da expressão de sua palavra e do uso dos seus direitos cívicos e desejantes;
- o outro, que propugna uma derrubada destes muros, criando uma nova geografia que redistribui funções, responsabilidades e direitos

entre os chamados "loucos" e os chamados "sadios".

Nesse sentido a luta pela promulgação da LEI não é mais que o início de uma tarefa social gigantesca de REFLEXÃO e MUDANÇA onde o profissional de SAÚDE têm papel preponderante como técnico e cidadão. Tomar ou não este bonde implica uma opção ética pois não adianta fazer de conta que ficar fechado no consultório nos deixa de fora da HISTÓRIA. O nosso compromisso passa necessariamente por nosso campo de atuação:

- política curricular e de formação: questionamento e reformulação das mesmas no sentido de capacitar profissionais que possam suportar práticas alternativas de tratamento à "loucura" (rede pública, Hospital Dia, Hospital Noite, Centros de Convivência, etc)
- política de atendimento: formulação e sustentação de táticas e estratégias de atendimento adequadas às necessidades específicas de cada realidade regional. Se bem entendemos que uma política de Saúde Mental só pode ser possível a partir de princípios gerais, nascidos da reflexão do conjunto da sociedade, a aplicação singular dessa política cabe àqueles que em cada região conhecem quais as necessidades e os caminhos que sua realidade lhes aponta.

Cabe lembrar aqui o recado do deputado Paulo Delgado que frisou a necessidade de fortalecer a discussão do projeto "da BARRIA para cima", posto que o Nordeste oferece uma configuração própria - calcada no modelo do coronelato - onde se faz muito difícil a compreensão de uma proposta de tal ordem.

A convocatória está feita. Bom trabalho a todos.

Isabel Marazina

Pegina Cella Cavalcanti A. de Carvalho



A Violência da Guerra

Violência é um tema amplo demais. Vou restringir-me à Guerra, um tipo específico de violência, e ater-me aos limites que se impõem a uma abordagem psicanalítica do assunto.

Usarei dois textos de Freud: "Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte" (1915) e "Por que a Guerra?" (1933). Vou privilegiar algumas das questões aí abordadas e organizar o trabalho em torno a três grandes eixos.

O primeiro refere-se ao paradoxo entre guerra e civilização. A eclosão da primeira guerra mundial - travada entre nações tidas como as mais civilizadas do mundo - tomou Freud de surpresa e provocou um colapso na sua visão de mundo.

Estados e indivíduos deixam de lado o que ele acreditava ser uma conquista do processo civilizatório, produto das transformações das pulsões egoístas em sociais e altruístas. A guerra fez com que revisse seus pontos de vista: as transformações pulsionais não eram grandes como imaginara, ao passo que a necessidade de pressão social externa seria o verdadeiro balizador de comportamentos. Na guerra abre-se um fosso entre os preceitos morais e as verdadeiras inclinações pulsionais.

O segundo eixo trata da lei e da violência. Freud demonstra como a lei se desenvolveu a partir da violência. Nesta evolução, o caminho teria sido: exercício do poder por quem tivesse força maior, depois pela união de forças e posteriormente, por quem tivesse instrumentos mais eficazes. Foi ainda necessário que a união fosse estável e cimentada por vínculos emocionais entre seus membros, para que a lei fosse instituída e mantida. Quando há mudanças na correlação de forças, a lei e a ordem estão sujeitas a ser rompidas.

A guerra provoca este rompimento.

A primeira e mais importante lei da humanidade é "não matarás", a princípio aplicada às pessoas próximas e depois estendida aos estranhos e aos inimigos. A guerra abole esta última extensão: "não matarás os inimigos".

O terceiro e último eixo refere-se a nossa atitude frente a morte. Freud chama a atenção para a dicotomia que existe entre a atitude convencional face a morte e como ela é vivida no inconsciente. A guerra quebra a atitude convencional; a morte não pode mais ser negada, deixa de ser um acontecimento fortuito e paradoxalmente, a vida recupera seu pleno conteúdo. A guerra nos despoja dos acréscimos ulteriores da civilização e põe a nu o primitivo que existe em nós.

A psicanálise não pode explicar os vários porquês que levam a eclosão de uma guerra, mas ajuda a lançar uma luz sobre o que se passa no psiquismo do sujeito e como estes fatores podem agir a favor da guerra.

Para Freud um caminho possível, embora difícil, na busca da paz seria estreitar os vínculos emocionais entre os homens - contrapondo: se Eros e Tanatos.

Freud não se rende aos fenômenos que observa. Por mais penosa que lhe possa ser a quebra da ilusão, move-se à procura da verdade e do conhecimento. Por mais distante que ele reconheça estar o ser humano deste ser civilizado que ele gostaria de reconhecer no seu semelhante, afirma sua confiança na humanidade e sua total rejeição à guerra.

Edna Matosinho de Pontes
mesa-redonda em 18/março/91

Violência

Violência urbana, sexual, política, familiar, institucional. Há poucos adjetivos que não poderiam acompanhar esse substantivo apenas aparentemente abstrato: a violência. Se pode ser adjetivada, é porque pode ser diferenciada, nuançada, comparada, medida e pesada. Uma violência não é necessariamente igual a uma outra. Todas as violências não dão lugar a uma violência arquetípica que as resuma. Há, em outras palavras, violências e violências. Quando um asno qualquer afirma que toda linguagem é fascista, isso ainda não quer dizer que conversar seja o mesmo que enfiar gente numa câmara de gás. Mesmo quando pensamos em violências limitadas, como é o caso dos massacres e genocídios, temos que nuançar. A ditadura militar brasileira matou alguns milhares de pessoas, numa população média de 100 milhões, num período de uma década. A chilena liquidou, numa população de 15 milhões, algo em torno de 15/20 mil pessoas em poucos meses. O Khmer Vermelho massacrrou, no Cambodja, 3 milhões de pessoas, de um total de 7 milhões, em dois ou três anos. Os três casos são monstruosos, mas diferentes. Uns são piores que os outros. O horror ingênuo à violência torna-os incongruente e idênticos. As limitações da memória individual e o desconhecimento da história fazem-nos esque-

cer facilmente quão violenta era qualquer cirurgia antes da invenção da anestesia, quão letais inúmeras doenças antes do advento dos antibióticos, quão dizimadoras as epidemias antes dos novos conceitos de medicina preventiva e urbanização racional. A natureza - os ecólogos que a cultuem - é nossa principal fonte de violência: ela inventou a dor, o sofrimento, a morte. Mesmo o convívio humano, porém, já foi muito mais violento do que hoje em dia. O otimismo do século 19 levou-nos a ver a guerra como exceção, e a exploração econômica como mais cruel que a violência física direta. Os pensadores franceses da segunda metade de nosso século foram além: qualquer Estado, família, escola ou empresa é igual a, quando não pior que, os campos de concentração, os presídios e os manicômios. A violência sutil - inegável - das instituições sociais passou a ser considerada o inimigo principal, merecendo ser combatida por todos os meios, sobretudo o da violência física cega: bombas, atentados, assassinatos, etc. A falta de convívio com a verdadeira violência leva à busca - e à descoberta de violência em toda parte, resultando não numa crítica de toda violência - mesmo a mais sutil - mas na sua enfadonha multiplicação.

Nelson Ascher
mesa-redonda em 18/março/91

No dia 18/março/1991, houve uma mesa-redonda que abordou o tema que norteará o trabalho deste ano no Departamento: "A Violência Hoje"

Dela participaram Edna Mattosinho de Pontes, Manoel Berlink e Nelson Ascher.

Manoel Berlink preferiu referir ao Boletim de Novidades da Pulsional nº 25 a íntegra de sua fala.

Questões Sobre o Ódio e a Destrutividade na Metapsicologia Freudiana

A metapsicologia montada por Freud, na primeira década de sua obra, dava conta da psicopatologia das neuroses e em particular da histeria, bem como do dispositivo terapêutico concebido para tratá-las. Ao recalcante corresponde um recalçado que é de natureza sexual, libidinal. O estudo da neurose obsessiva, em particular em *O Homem dos Ratos* (1909), pôs em primeiro plano a importância etiológica da ambivalência amor e ódio: a partir de então

tornou-se necessário encontrar uma solução para o problema do estatuto metapsicológico do ódio: qual a natureza pulsional do mesmo, como selecioná-lo com o sadismo e quais os seus destinos? Entre 1910 e 1915 as psicoses - a melancolia, a paranóia, e também a esquizofrenia estiveram no foco do interesse de Freud e de seus primeiros colaboradores; as teorias sobre as psicoses então elaboradas apoiavam-se num conceito pivô, o do narcisismo e, na oposição libido

do eu e libido do objeto que dele decorriam. Em *Pulsões e suas Vicissitudes* (1915), Freud propôs uma primeira teoria sobre a natureza do ódio, cujo fundamento encontrar-se-ia numa repulsa primária do eu narcísico contra o objeto- (não-eu) identificado- o objeto- às fontes de excitações perturbadoras que são todas atribuídas a ele, por projeção enquanto que o, que do objeto é tranquilizador, prazeroso é introjetado no eu. O ódio seria pois anterior ao amor na relação ao objeto, ao outro do eu, o amor só aparecendo na medida em que o objeto possa ser reconhecido como fonte do prazer.

Para o autor do trabalho, esta teoria que postula

uma origem narcísica para o ódio é mais fecunda que a concepção posterior de uma pulsão de destruição. O ódio, em sua leitura, não seria propriamente uma pulsão, adquirindo somente este caráter por sua erotização secundária - por co-excitação - passando então a funcionar no registro do sadismo e do masoquismo. A importância crescente dada por Freud ao sadismo na vida pulsional (libidinal) e nos conflitos intrapsíquicos, culminando com os escritos da segunda tópica foi sublinhada pelo autor.

Luis Carlos Menezes
conferência em 24/abril/91

FREUD - GRUPO DE ESTUDOS

ORIENTADORA: EDNA MATOSINHO DE PONTES

LOCAL: RUA MARANHÃO, 584 - Sala 73

TELEFONE: 66-2045

Copiadora Tekgraf S/C Ltda

- Xerox
 - Off-Set
 - Encadernação
 - Plastificação
 - Listas de preços
 - Papel timbrado
 - Cópias em geral
- Rua Turianã, 1352 - Água Branca - 05005 - São Paulo - SP - Fone: (011) 872-5724

ATENÇÃO

Você pagou a anuidade/91 do Departamento?

Não adie sequer mais um dia. Informações na Secretaria do Departamento com Rose - Fone: 262-8024

O DEPARTAMENTO PRECISA DE VOCÊ!

DEPOIMENTO



Amor de Transferência OU Transferência de Amores?

Apaixonar-se ou não, eis a questão!

A Imprensa, recentemente, deu notícia a este assunto, abordando-o sob diversos ângulos. É correto, viável, possível, permitido, imoral... paciente e analista concretizarem suas fantasias de amor e sexo?

Entre médicos (não os psiquiatras) e seus clientes, são corriqueiras as práticas sexuais, os namoros e até casamentos. Tais fatos demandam pouca atenção. Por que para nós, terapeutas, tais acontecimentos devem ser impedidos e para eles não?

É pouco psicanalítico e pouco prudente analisarmos o problema sob o aspecto moral - é mais apropriado encará-lo do ponto de vista metodológico, ou seja, transferencial.

O analista utiliza, cuidadosamente, em seu cotidiano, a transferência recíproca (ou transferência e contra-transferência, como queiram) em benefício de seu cliente. Este é seu compromisso ético com a Psicanálise e com o ser humano que lhe solicita ajuda. Estar atento às nuances transferenciais é questão de método de trabalho, não um problema moral. Com isso quero dizer que se o psicanalista se apaixona por um cliente, ele deve verificar o que está ocorrendo neste relacionamento. Sua função é compreender e decifrar o que está oculto e não atuar o que está manifesto. Neste sentido, caso se dê vazão à paixão transferencial, se estará cometendo um erro.

Não um erro moral, mas falha teórica, metodológica, técnica que põe em risco o tratamento. O analista, exageradamente tentado a atuar sua paixão, deve procurar em sua análise pessoal, na supervisão, no estudo teórico de seu cliente o que o

está empurrando a não poder utilizar a transferência como instrumento de cura, atraído (e traído) pela tentação de empregá-la em benefício próprio.

É radicalmente diferente a posição do médico, de um ortopedista, por exemplo. Ao receber em seu consultório, uma jovem encantadora com seu pezinho quebrado, sua função é consertar um osso. É certo que a Medicina deve olhar seu doente como um todo e um dos problemas que enfrentamos hoje é que o médico só enxerga um fígado, um coração, desprezando o ser humano que "por acaso" carrega este órgão. Mesmo assim, o objetivo do nosso ortopedista é curar um osso. Se ele mantiver relações pessoais com esta cliente, o osso será operado e reconstruído da mesma forma.

O que não acontece na psicoterapia. Se o terapeuta atuar os seus conflitos e os do seu paciente, ao invés de compreendê-los e interpretá-los, estará impedindo a cura, atrapalhando o tratamento de seu cliente, mesmo que se case com ele.

Estará configurado, então um erro - um erro médico, em termos jurídicos; ao contrário do ortopedista que cumpriu sua função. Este pode ser considerado imoral, um crápula perverso que se aproveita de sua posição, de seu lugar mágico de autoridade para aliviar seus impulsos libidinais reprováveis (nossa, que horror!). Só isso.

No caso do psicanalista, no entanto, as confusões transferenciais, definitivamente, não podem acontecer, pois ele estará incorrendo em grave erro em relação aos princípios fundamentais da Psicanálise.

Mauro Hegenberg

ERRATA

No texto "Um Grupo de Estudos", Boletim nº4, ano II, onde se lê "...se propuseram a pensar a

constituição do feminismo.", leia-se "...se propuseram a pensar a constituição do feminino."

INFORMES GERAIS

Secretaria do Departamento de Psicanálise

HORÁRIO: SEGUNDA, QUARTA E QUINTA - das 14:00 às 19:00 hs.
TERÇA E SEXTA - das 9:00 às 17:00 hs.

Atenção

Solicitamos que os textos enviados ao Boletim sejam datilografados e que não ultrapassem duas laudas, em espaço 2.

O prazo de entrega do material para o próximo número é 20.08.91, e este pode ser entregue na Secretária do Departamento.

Contatos:

- Maria de Lourdes C. Costa - fone: 284-5963
- Carlos Vidreira: fone: 257-1082.

FAÇA SUA ASSINATURA

Nome _____
Endereço _____ Bairro _____
CEP _____ Cidade _____ Estado _____
Telefone _____ DDD _____
RG N° _____ CPF N° _____
Profissão _____
Data ____/____/____ Assinatura _____

Quero receber *Percorso - Revista de Psicanálise* durante o ano de 1991
[um número duplo no 1º semestre e um número simples no 2º semestre]

Assinantes Novos - valor Cr\$ 10.000,00*

Assinantes Antigos - valor Cr\$ 4.000,00*

(o n° duplo já incluído e pago na Assinatura 1990).

* Valores p/majo/91
reajustes mensais.

Números atrasados: informações na Secretaria do Departamento de Psicanálise do
Instituto Sedes Sapientiae.

Números Avulsos: 01/88 - esgotada
02/89 - 03/89 - 04/90 - Cr\$ 4.000,00 cada exemplar.
05 e 06/91 - Cr\$ 6.000,00.

**Favor remeter pedido com cheque nominal à
Percorso - Revista de Psicanálise**

Secretaria do Depto. de Psicanálise - Rua Ministro Godoy 1484 - CEP: 05015